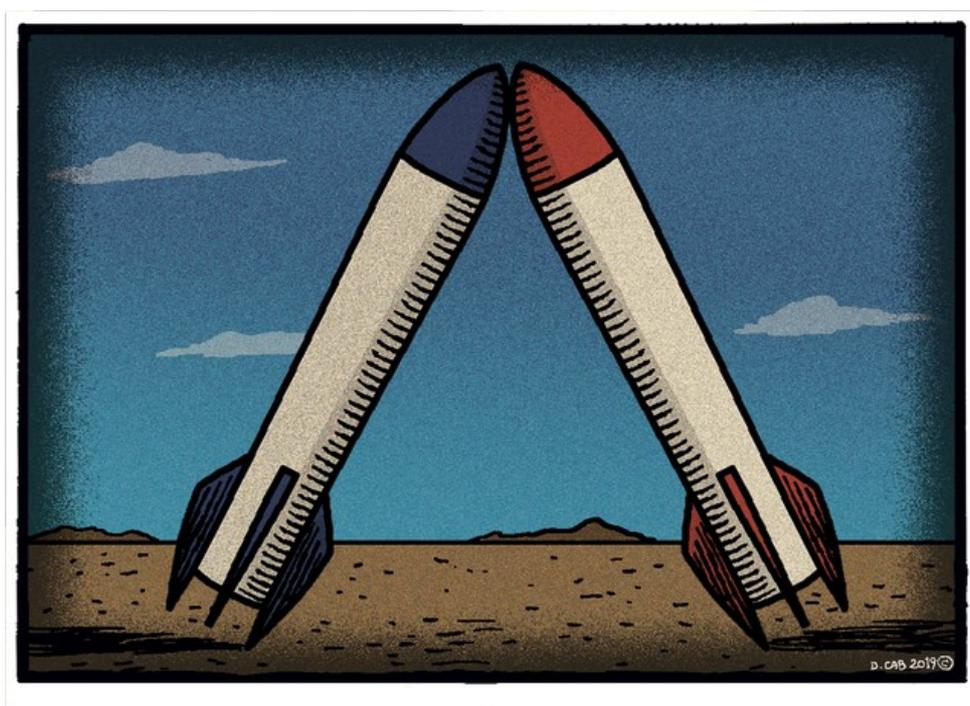


Antecedentes alarmantes

Eventos atuais evocam não os anos 1930, mas o período anterior à Primeira Guerra

Por Martin Wolf

27/11/2019 05h01 · Atualizado há 7 horas



A história não se repete, mas, muitas vezes, rima. Essa observação é, com frequência, incorretamente atribuída a Mark Twain. Mas é boa.

A história é a guia mais poderosa do presente, porque demonstra o que é permanente na nossa humanidade, principalmente as forças que nos impulsionam em direção ao conflito. Uma vez que o maior acontecimento geopolítico atual é, de longe, o explosivo conflito entre Estados Unidos e China, é esclarecedor recordar acontecimentos semelhantes do passado. Em um livro instigante, “Destined for War”, Graham Allison, de Harvard, começa com o relato da Guerra do Peloponoso de Tucídides, o grande historiador ateniense do século V a.C. Eu, no entanto, me concentrarei nas três eras de conflito dos

últimos 120 anos. Elas têm muito a ensinar.

A lição mais óbvia é a de que a qualidade da liderança é importante. As habilidades e intenções de Xi Jinping são claras: ele é dedicado à hegemonia do partido sobre uma China que renasce. Sob a liderança instável de Trump o mundo todo está em grandes apuros

O conflito mais recente foi a Guerra Fria (1948-1989) entre um Ocidente democrático liberal, encabeçado pelos EUA, e a comunista União Soviética, uma versão modificada do Império Russo pré-Primeira Guerra Mundial. Foi um conflito de grandes potências entre as principais vencedoras da Segunda Guerra Mundial. Mas foi também um conflito ideológico sobre a natureza da modernidade. O Ocidente acabou vencendo.

Venceu porque a escala das economias ocidentais e a velocidade dos avanços tecnológicos ocidentais superaram amplamente as da União Soviética. Os governados pelo império soviético, além disso, ficaram decepcionados com seus governantes corruptos e despóticos, e a própria liderança soviética concluiu que seu sistema tinha fracassado. Apesar dos momentos de perigo, notadamente o da crise dos mísseis de Cuba, de 1962, a Guerra Fria também terminou de maneira pacífica.

Retrocedendo mais, chegamos ao período entreguerras. Foi um intervalo no qual a tentativa de restabelecer a ordem pré-Primeira Guerra Mundial fracassou, os EUA se retiraram da Europa e uma gigantesca crise financeira e econômica, surgida originalmente nos EUA, devastou a economia mundial. Foi um tempo de agitação civil, populismo, nacionalismo, comunismo, fascismo e nacional-socialismo. A década de 1930 é uma lição permanente sobre a possibilidade de a democracia vir abaixo quando as elites entram em colapso. É também uma lição do que acontece quando grandes países caem nas mãos de lunáticos ávidos pelo poder.

Retrocedendo ainda mais, chegamos ao decisivo período 1870-1914. Como observou Paul Kennedy em seu livro clássico, "Ascensão e Queda das Grandes Potências", em 1880 o Reino Unido gerou 23% da produção manufatureira mundial. Até 1913, essa participação tinha caído para 14%. No mesmo período, a fatia da Alemanha subiu de 9% para 15%. Essa mudança na correlação de forças europeia levou a uma catastrófica guerra tucídica entre o Reino Unido, uma apreensiva potência do "status quo", principalmente quando os alemães começaram a construir uma frota moderna, e a Alemanha, uma raivosa potência em ascensão. Por seu lado, a produção industrial dos EUA foi de 15% para 32% do total mundial, enquanto a China caía na irrelevância. Daí para a frente, a ação dos EUA (nos grandes conflitos do século XX) e sua inação (no período entreguerras) determinaram os resultados.

A era atual é uma mescla de todas essas três. É marcada por um conflito de sistemas políticos e ideológicos entre duas superpotências, como na Guerra Fria, por uma queda pós-crise financeira da confiança na política democrática e na economia de mercado, bem como pela ascensão do populismo, do nacionalismo e do autoritarismo, como na década de 1930, e, mais significativamente, por uma drástica mudança da correlação de poder econômico, com a ascensão da China, como ocorreu com os EUA antes de 1914. Pela primeira vez desde então, os EUA enfrentam uma potência com potencial econômico superior ao seu.

O período pré-1914 terminou em uma guerra catastrófica, assim como o período entreguerras, embora este tenha sido seguido por um intervalo pós-1945 relativamente bem-sucedido. A Guerra Fria terminou num triunfo pacífico. Atualmente, o mundo se defronta com

desafios que facilmente se equiparam aos enfrentados nos períodos anteriores. Quais são então as lições que devemos tirar dessas eras?

Talvez a mais óbvia é a de que a qualidade da liderança é importante. As habilidades e intenções do presidente Xi Jinping são suficientemente claras: ele é dedicado à hegemonia do partido sobre uma China que renasce. Mas o sistema político do mundo ocidental e, principalmente os dos EUA e do Reino Unido, as duas potências que puxaram o mundo no decurso da década de 1930, está fracassando. A liderança instável de Donald Trump lembra a da Alemanha sob o “kaiser” Guilherme II. Sem liderança melhor, o Ocidente e, portanto, o mundo como um todo, estão diante de grandes apuros.

Outra lição é a importância premente de evitar a guerra. O professor Allison descreve bem como a desconfiança mútua alimentou a jornada rumo à guerra em 1914. É ainda mais decisivo para os EUA e a China evitar um conflito frontal agora. Esse foi o grande sucesso da Guerra Fria. Mas a distensão nuclear pode não ser suficiente.

Talvez a conclusão mais importante, porém, seja a de que evitar mais uma catástrofe não é suficiente. Não podemos nos dar ao luxo de nos entregar aos velhos jogos de rivalidade entre grandes potências. Por mais inevitáveis que possam parecer. Os nossos destinos estão muito profundamente imbricados para isso.

Uma visão vantajosa para todas as partes das relações entre o Ocidente, a China e o resto do mundo tem de se tornar hegemônica se quisermos administrar os desafios econômicos, de segurança e ambientais com que nos defrontamos. A humanidade tem de se sair muito melhor do que antes. Hoje, isso deve parecer uma fantasia, em

vista da qualidade da liderança ocidental, do autoritarismo da China e da maré montante da desconfiança mútua. Mas temos de tentar. Temos de administrar essa nova era difícil de maneira estratégica. Nossos futuros agora dependem da nossa capacidade de fazer isso.
(Tradução de Rachel Warszawski)

Martin Wolf é editor e principal analista econômico do FT

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por **taboola**

LINK PATROCINADO

Baixe todas as NFes emitidas contra seu CNPJ automaticamente!
ARQUIVEI

LINK PATROCINADO

Asse carnes no seu fogão sem sujeira!
DESCONTALIA

LINK PATROCINADO

Se reside em São Paulo, poderá beneficiar destas ofertas de voos
WWW.JETCOST.COM.BR

LINK PATROCINADO

Aproveite 10% off na primeira compra.
ESTOQUE OUTLET

LINK PATROCINADO

HBO® tá no NOW. NOW tá na Claro.
HBO

LINK PATROCINADO

Jovens descobriram uma forma de ganhar dinheiro na Americanas
MELIUZ

Veja em Valor Investe

VALOR INVESTE

Ex-presidente da Braskem José Carlos Grubisich é preso em Nova York

VALOR INVESTE

Ministério adia leilão das termelétricas

VALOR INVESTE

BC confirma autorização de até 100% de capital estrangeiro na XP

VALOR INVESTE

Tributação de dividendo é ponto central de reforma do IR, diz jornal